

APOIO

CEstA, LAPOD, BBM e IEB [USP]

CPEI [UNICAMP]

PALOC [IRD / MINH]

ORGANIZAÇÃO

JOANA CABRAL DE OLIVEIRA

MARTA AMOROSO

AMA GABRIELA MORIM DE LIMA

KAREN SHIRATORI

STELIO MARRAS

LAURE EMPERAIRE

VOZES VEGETAIS

DIVERSIDADE, RESISTÊNCIAS
E HISTÓRIAS DA FLORESTA

11 VEGETAR O PENSAMENTO: MANIFESTO E HESITAÇÃO
13 APRESENTAÇÃO

PARTE 1

21 **SEMEAR A TERRA:
MODOS DE RESISTÊNCIA CONTRA O REACIONARISMO MODERNO**

23 1. A voz e o silêncio

Pedro Paulo Pimenta

37 2. O vozerio da pós-verdade e suas ameaças civilizacionais

Stelio Marras

57 3. Dissonâncias vegetais: entre roças e tratados

Laure Imperaire

77 4. Agricultura contra o Estado

Joana Cabral de Oliveira

97 5. Agroecologia e a luta pela terra

Maria Rodrigues dos Santos

PARTE 2

107 **RAÍZES DA DIVERSIDADE:
SABERES DOS POVOS DO PASSADO E DO PRESENTE,
HISTÓRIAS DE VIDA E LUGARES DE MEMÓRIA**

109 6. Castanha, pinhão e pequi ou a alma antiga dos bosques do Brasil

Eduardo Góes Neves

125 7. O acúmulo das diferenças: nota arqueológica sobre a
relação entre sócio e biodiversidade na Amazônia antiga

Laura Pereira Furquim

140 8. Transformar as plantas, cultivar o corpo

Gilton Mendes dos Santos

154 9. Memórias sobre as cuias: o que contam os quintais
e florestas alagáveis na Amazônia brasileira?

Priscila Ambrósio Moreira

167 10. A descoberta do *manhafã*: seguindo as
trilhas da floresta com os Mura

Marta Amoroso

PARTE 3

187 **SOCIALIDADES VEGETAIS:
PARENTESCO, PREDÇÃO, CUIDADOS E AFETOS**

189 11. Contradomesticação na Amazônia indígena: a botânica da precaução

Miguel Aparicio

213 12. Especulações sobre pupunheiras ou *cuidar com parentes-planta*

Fabiana Maizza

228 13. Vegetalidade humana e o medo do olhar feminino

Karen Shiratori

PARTE 4

245 **COLHENDO FRUTOS:**

MITO E RITUAL, CICLOS DE VIDA E INTERAÇÕES MULTIESPÉCIES

247 14. O mundo num ouriço de castanha: a mitopoética dos índios Apurinã e o espírito ancestral das castanheiras

Mario Rique Ferrandes

266 15. Os modos de vida, criação e reprodução das florestas de castanhas no Alto Trombetas, Oriximiná (PA)

Igor Scaramuzzi

283 16. Histórias e cantos do milho krahô: as muitas vozes do Cerrado

Ana Gabriela Morim de Lima,

Creuza Prumkwij Krahô e Veronica Aldé

301 17. As plantas ouvem a nossa voz: cantos e cuidados rituais kaiowá

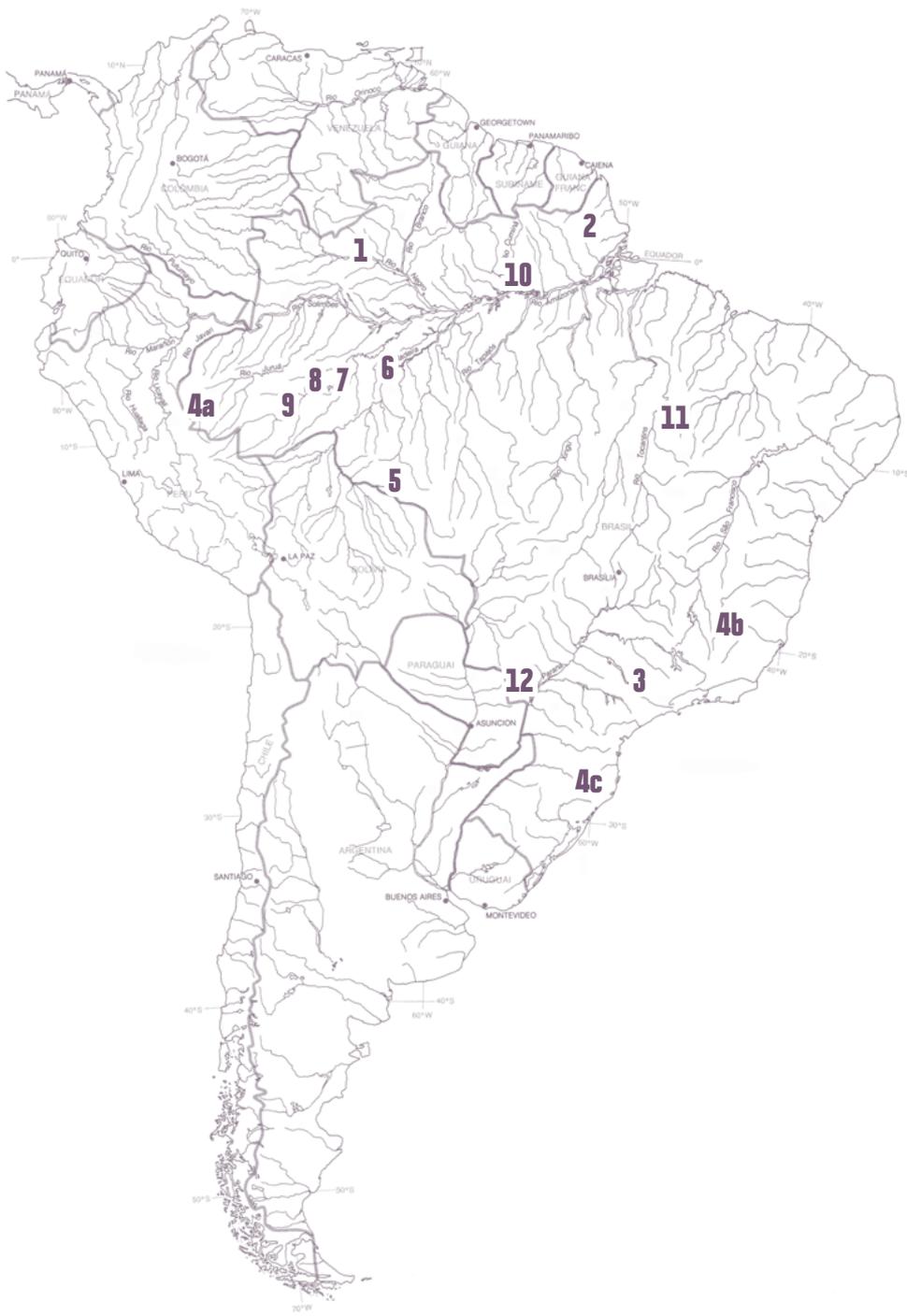
Izaque João Kaiowá

313 BIBLIOGRAFIA GERAL

351 MINIBIOGRAFIAS VEGETAIS DOS AUTORES

365 AGRADECIMENTOS

ANEXO CADERNO DE IMAGENS



LOCALIDADES E POVOS INDÍGENAS, QUILMBOLAS E COMUNIDADES CITADOS.

- 1** [CAP. 3] Complexo sociocultural multiétnico do Noroeste amazônico (Aruak, Tukano, Maku, Amazonas).
- 2** [CAP. 3] Povo Wajãpi, Terra Indígena Wajãpi (Amapá).
- 3** [CAP. 3] Assentados, sítio Mãe Terra, município de Iperó (São Paulo).
- 4a** [CAP. 6] Bacia do Alto Juruá, Brasil e Peru.
- 4b** [CAP. 6] Caverna da Pedra Pintada, próximo a Monte Alegre (Minas Gerais).
- 4c** [CAP. 6] Kaingang - Sítio Bonin, município de Urubici (Santa Catarina).
- 5** [CAP. 7] Antigos povos indígenas, rio Guaporé, pantanal do Guaporé (Rondônia).
- 6** [CAP. 10] Povo Mura, Terra Indígena Cunhã-Sapucaia, Baixo Rio Madeira (Amazonas).
- 7** [CAP. 11] Povos Banawá e Zuruahã, Terra Indígena Banawá e Terra Indígena Zuruahã (Amazonas).
- 8** [CAP. 12] Povo Jarawara, Terra Indígena Jarawara / Jamamadi / Kanamanti (Amazonas).
- 9** [CAP. 14] Povo Apurinã, Terras Indígenas Água Preta / Anari (Amazonas).
- 10** [CAP. 15] Quilombolas, Terras Quilombolas Abuí, Alto Trombetas 1 e Alto Trombetas 2 (Pará).
- 11** [CAP. 16] Povo Krahô, Terra Indígena Krahô (Tocantins).
- 12** [CAP. 17] Povo Kaiowá, Terra Indígena Panambizinho (Mato Grosso do Sul).

Aos indígenas, trabalhadores rurais e quilombolas vítimas da pandemia da COVID-19 e do descaso da política sanitária do governo brasileiro.

VEGETAR O PENSAMENTO: MANIFESTO E HESITAÇÃO

A virada do milênio é acompanhada de reviravoltas a um só tempo ontológicas, epistemológicas e políticas. Modos próprios de ser exigem modos próprios de conhecer e de agir. Animais, objetos tecnocientíficos e artísticos, espíritos e éteres, plantas. As plantas, mil maneiras de escutá-las desde sempre, mas agora sob constrangimentos de vida e morte inéditos em escala e em velocidade. Serão elas um guia para desconfundir o relógio com o tempo, o progresso com o crescimento?

A grande domesticação modernizadora na berlinda. O atalho célere dos agrotóxicos e o caminho compassado da permacultura e da roça de coivara. Quem domestica quem? Quem faz e quem é feito? Espécies convertidas em multiespécies, evolução em coevolução. O local em franca continuidade com o global. Urge ouvir as vozes vegetais tão diversamente traduzidas. A esfinge de um planeta respondente põe o enigma do “decifra-me ou te devoro”: seguir dobrando uma natureza mais e mais excessiva e indeterminada (e por isso tão perigosa quanto auspiciosa) ou desenvolver artes de dobrar-se com ela? Com quem e de que modo aprender a revisar os vínculos com as plantas?

Ao modo das plantas, há pressa em vegetar. O que temos nós a aprender com elas? Se nelas enovelados, quem mesmo, doravante, seremos nós? Plantas são trilha e morada de outros seres. Humanos colhem e pássaros bagunçam os frutos. Abelhas fazem festa nas flores. Galhos se comunicam com o vento, raízes com as hifas, sementes pegam carona nos fluxos e asas. Vegetar é crescer em contiguidade com o mundo, coabitar lugares, aderir

e fazer espaços, engajar-nos com aquilo que nos circunda – ou, antes, nos atravessa. Criar raiz e lançar sementes. Desterritorializar-se. Propagar, cortar, distribuir, desmembrar-se em qualquer ponto e depois se reconectar. Polinizar, cruzar, misturar, gerar o imprevisível. Brotar na terra, crescer, florescer, frutificar e apodrecer, voltar para a terra. Transformação é o nome do jogo. Vegetar é uma estratégia.

Em um cenário político em que os governos dão as mãos ao agronegócio, vegetar o pensamento é uma aposta de resistência feita de alianças rizomáticas com formas agroflorestais do passado, do presente e dos futuros possíveis – nunca sem a destacada presença feminina. Eis aí o cipoal por onde abrir frestas para ouvir as vozes vegetais minoritárias que vão mais e mais sendo premidas a calar-se pelo veloz monocultivo industrial e pela engenharia genética casada com puras razões mercadológicas. Vegetar é desacelerar esse andamento como condição para avançar reinícios de mundos. Haverá tempo no fim dos tempos?

APRESENTAÇÃO

O despertar de um interesse renovado pela vida vegetal em diferentes áreas do conhecimento – na política e na filosofia, nas artes e nas ciências – é em grande parte motivado pelo lugar central que as plantas ocupam no debate acerca da crise ambiental, climática e ecológica em curso, com seus desafios para os coletivos a um só tempo humanos e não humanos. Da “cegueira vegetal” à “virada das plantas”, a crítica à desvalorização da vida vegetal, sobretudo no pensamento moderno, desconstrói a visão recorrente que a reduz a meras paisagens objetificadas e associadas, seres caracterizados por inércia e apatia, fixidez e imobilidade, ausência de consciência, sentidos e palavras. A concepção das plantas, e mais amplamente da “natureza” como “recurso” a ser explorado ou protegido, está profundamente ligada à catástrofe ecológica promovida pelas atividades humanas baseadas no modo de vida capitalista.

Em contrapartida, os saberes dos povos tradicionais do passado e do presente, assim como dos agricultores familiares e das comunidades locais, contribuem para a promoção da diversidade simultaneamente social e biológica, motivando pensamentos e resistências em resposta aos imprevisíveis “fins de mundos” catapultados pelo generalizado modelo de *plantation* de (des)fazer o mundo. Uma concepção das plantas, dos animais e de outros não humanos como sujeitos sencientes, incluindo aqueles chamados de abióticos, é também uma característica marcante dos ameríndios e de outros povos tradicionais. Deparamos com uma diversidade de práticas e conhecimentos enrai-

zados nos territórios, inseparáveis de cosmologias e modos de vida, que encarnam e se entrelaçam com histórias e trajetórias de vida particulares. Em circulação ao longo de gerações, tais saberes não são estáticos – estão em constante experimentação, transformação e invenção.

Esse panorama de perguntas e problemas atravessa os artigos aqui reunidos. *Vozes vegetais* tem suas raízes no seminário organizado em abril de 2019 na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e é um dos frutos do fértil debate que o encontro fez brotar. Com a participação de pesquisadores indígenas e não indígenas de diferentes áreas, ativistas de grupos quilombolas e de assentamentos que se dedicam à agroecologia, e com a contribuição de uma poeta cuja obra dá destaque ao universo vegetal e, aqui, aliada com as plantas, nos convida, ao abrir cada parte do livro, a experimentar suas transformações e afetos, tivemos por objetivo promover uma conversa entre essa pluralidade de perspectivas e de formas de engajamento com as plantas, explorando novas linguagens, metodologias, teorias, práticas, caminhos éticos e mesmo teóricos.

A parte I oferece uma visão panorâmica que mapeia algumas questões gerais do campo filosófico, político e antropológico do debate contemporâneo. A começar pelo lugar da vida vegetal na metafísica e nas práticas científicas ocidentais, em particular, na história natural do século XIX, com os questionamentos acerca da estrutura hierárquica na qual o animal é tomado como modelo do vegetal, e o homem como modelo do animal (capítulo 1). Num salto histórico para o século XXI, somos confrontados com o movimento inverso de perda de confiança nas ciências, promovida pelo reacionarismo modernista que, em sua cegueira e surdez comprometidas com os ideais desenvolvimentistas, relega ou simplesmente nega os riscos socioambientais relacionados ao desmatamento acele-

rado, ao aquecimento global, à acidificação dos oceanos, à erosão da biodiversidade e dos solos (capítulo 2). Da perspectiva do direito, evidenciam-se as dissonâncias entre o tratamento dado pelo nosso regime jurídico às plantas cultivadas e o modo como populações tradicionais vivem e concebem os vegetais que habitam seus roçados; nossos instrumentos legais e de proteção de direitos estão aquém das filosofias e práticas tradicionais, estas, as principais responsáveis por manter um acervo fitogenético amplo e diverso (capítulo 3). Do ponto de vista das plantas e das paisagens, observa-se o uso indiscriminado de pesticidas, fertilizantes e sementes transgênicas pela agricultura em escala industrial; porém, em contraste com esse modelo hegemônico do monocultivo latifundiário, encontramos numerosas possibilidades de agriculturas e modos de vida contraestatais (capítulo 4). São histórias de ambientes devastados e formas de existência severamente impactadas, mas também de enfrentamento aos projetos de aprisionamento e extinção de modos de vida, de luta pela terra pelos que foram dela alijados – a exemplo do movimento liderado pelas famílias dos assentamentos em Sorocaba, no estado de São Paulo, que se aliam em torno da agroecologia, da biodinâmica, dos orgânicos e de iniciativas voltadas à sustentabilidade (capítulo 5).

A parte II trata da contribuição dos povos do passado e do presente, que habitaram ou habitam a floresta amazônica, para a produção da diversidade de espécies vegetais e paisagens. Embora a bacia amazônica seja conhecida como um importante centro de domesticação de plantas, muitas das espécies utilizadas no presente não são domesticadas, o que sugere que, pelo menos desde o Holoceno Médio, predominam na região sofisticadas estratégias de manejo de sistemas agroflorestais, capazes de produzir uma “hiperdiversidade” de determinadas espécies vegetais. Questionando o falso dilema posto

na oposição entre plantas selvagens e domesticadas, a arqueologia demonstra, por meio das relações entre os povos indígenas e as plantas das florestas, uma multiplicidade de práticas de cultivo que não se limitam a uma concepção unívoca de agricultura. As histórias da castanha-do-pará ou castanha-da-amazônia (*Bertholletia excelsa*), da araucária (*Araucaria angustifolia*) e do pequi (*Caryocar brasiliense*) expressam na paisagem os sofisticados conhecimentos e práticas dos povos indígenas (capítulo 6). Diante dos novos dados apresentados pelas pesquisas sobre a ocupação humana na região amazônica, torna-se evidente a importância de revisar as categorias e os conceitos mobilizados para descrever suas populações e paisagens, bem como de buscar novas formas de periodização histórica, menos pautadas em modelos externos e alheios à região. Assim, observa-se durante o Holoceno um incremento expressivo da agrobiodiversidade, incluindo populações de plantas domesticadas ou não, que não pode ser dissociado de igual diversidade sociopolítica (capítulo 7). Já no presente, seguindo a trilha da produção da biodiversidade e de suas práticas associadas, exploram-se a variedade e o refinamento das biotecnologias desenvolvidas para a produção de alimentos, bem como a correlação entre corpos e plantas na Amazônia indígena (capítulo 8). Nesse sentido, dois caminhos de análise abrem indagações a respeito de duas espécies em particular: a análise morfogenética e etnobotânica da cuieira, os frutos das árvores do gênero *Crescentia* (Bignoniaceae), utilizado de longa data por diferentes povos das Américas (capítulo 9); e o trabalho etnográfico, a par da pesquisa em fontes históricas, sobre a batata *manhafã* (*Casimirella* spp.) do povo indígena Mura, que habita as regiões de interflúvio dos rios Madeira e Purus no estado do Amazonas (capítulo 10). Essas plantas se inscrevem em paisagens relacionais marcadas pela ação de humanos e não humanos, notável no cotidiano, conectando

diferentes temporalidades e memórias afetivas vinculadas a lugares e a parentelas.

A parte III propõe uma reavaliação do arcabouço conceitual antropológico mobilizado para compreender as relações humanos-plantas, em particular com base em experiências etnográficas recentes com povos indígenas da família Arawá, na região do Médio Purus. Segundo os Banawá, as plantas, notadamente certas árvores, marcam os tempos e suas transformações. Nos caminhos do parentesco, as plantas – timbó (*Deguelia* sp.), castanheira, flecheira (*Gynerium sagittatum*) e tabaco (*Nicotiana tabacum*) – instauram um “princípio de precaução”. A vida aldeã, efeito das transformações relacionais, estreitou o vínculo com as plantas do roçado à revelia das plantas da floresta cuja ação a *contradomestica* e desestabiliza (capítulo 11). As pupunheiras (*Bactris gasipaes*) entre os Jarawara, por sua vez, compõem a rede de relações e afetos que garantem a vida póstuma celeste, ressaltando a centralidade de uma estética do cuidar implicada tanto nos trabalhos práticos quanto nas obrigações éticas conduzidas pelas mulheres, que envolvem humanos e não humanos (capítulo 12). A inspiração também provém do feminismo especulativo, buscando outras formas de contar novas histórias e de pensar as relações entre as mulheres Jarawara e suas plantas. Também a literatura é o ponto de partida da reflexão sobre o devir-planta das mulheres jamamadi ao longo do processo de fabricação corporal no ritual pubertário. Nessa cosmologia do Médio Purus, os desdobramentos prático-conceituais dos processos do desenvolvimento humano oferecem hipóteses para pensar o modelo de vida a partir e com as plantas, levando-nos a refletir sobre “o que há de vegetal nos humanos” (capítulo 13).

A parte IV tematiza o *corpus* mítico-ritual e os calendários sazonais e agrícolas que expressam conexões multiespecíficas profundas entre os ciclos de vida das pessoas, das plantas, das

roças e das florestas. A castanheira, uma das árvores mais emblemáticas da floresta amazônica e historicamente manejada por diversos povos indígenas, quilombolas, seringueiros etc., é foco de dois artigos. O primeiro deles busca aceder à perspectiva da castanheira por meio do pensamento mitopoético do povo indígena Apurinã, habitante do Alto Purus, entre o Acre e o sul do Amazonas (capítulo 14). O segundo ressalta os saberes locais dos quilombolas do Alto Trombetas, em Oriximiná, no Pará, suas concepções acerca da criação e da reprodução das florestas de castanhais, ressaltando as redes de parceria com sujeitos diversos que não se restringem ao protagonismo humano (capítulo 15). Da floresta às roças, as plantas cultivadas se revelam sensíveis aos cantos dos humanos, assim como entoam seus próprios cantos. Ganha destaque o milho (*Zea mays*), considerando a importância tanto da diversidade de variedades locais, muitas das quais correm o risco de desaparecer das roças, como de suas múltiplas expressões culturais. Entre os Krahô do Tocantins, as histórias e os cantos do milho ecoam as muitas vozes do Cerrado, que cantam e contam sobre seu jeito de ser e de viver. As narrativas, as performances e os cantos rituais ligados ao ciclo de vida do milho conectam complexas relações entre os vários sujeitos humanos e não humanos, que asseguram a alegria, a fertilidade e a resistência das roças e do Cerrado (capítulo 16). Também os Guarani Kaiowá de Panambizinho, no Mato Grosso do Sul, possuem importantes cuidados e cantos direcionados às plantas das roças, em especial o milho, para que estas amadureçam, promovam colheitas férteis e possam ser consumidas sem riscos à saúde (capítulo 17). Em ambos os casos, trata-se de saberes rituais transmitidos por várias gerações atualmente restritos a poucos especialistas.

Resta reiterar, por fim, que os artigos aqui reunidos formulam, em múltiplas vozes e miradas teóricas, caminhos concei-

tuais e éticos, formas de engajamento e linguagens *a partir das e com as* plantas. Eis o suficiente para se afirmar a premência de outras alianças com os diversos seres que conformam o cosmos, sem que o humano reclame qualquer excepcionalidade. De sua parte, a humanidade aí emaranhada já não se pensa à parte das plantas.

Omama plantou essas árvores de cantos nos confins da floresta, onde a terra termina, onde estão fincados os pés do céu sustentado pelos espíritos tatu-canastra e os espíritos jabuti. É a partir de lá que elas distribuem sem trégua suas melodias a todos os xapiri que correm até elas. São árvores muito grandes, cobertas de penugem brilhante de uma brancura ofuscante. Seus troncos são cobertos de lábios que se movem sem parar, uns em cima dos outros. Dessas bocas inumeráveis saem sem parar cantos belíssimos, tão numerosos quanto as estrelas no peito do céu. Mal um deles termina, outro continua. Assim, proliferam sem fim. Suas palavras não se repetem jamais. Por isso os xapiri, mesmo sendo tantos, podem obter delas todos os cantos que desejarem, sem nunca esgotá-los. Eles escutam essas árvores amoa hi com muita atenção. O som de suas palavras penetra neles e se fixa em seu pensamento. Capturam-nos como os gravadores dos brancos, nos quais Omama também colocou uma imagem de árvore de cantos. É assim que conseguem aprendê-los. Sem eles, não poderiam fazer sua dança de apresentação.

— DAVI KOPENAWA & BRUCE ALBERT,
A queda do céu

PARTE I

SEMEAR A TERRA

MODOS DE RESISTÊNCIA CONTRA
O REACIONARISMO MODERNO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecário Odílio Hilario Moreira Junior – CRB 8/9949

V977 Vozes vegetais: diversidade, resistências e histórias da floresta / organizado por Joana Cabral de Oliveira et al.. São Paulo: Ubu Editora/IRD, 2020.
386 pp., 38 ils.

ISBN UBU EDITORA 978 65 86497 23 6

ISBN IRD 978 2 7099 2879 3

1. Meio-ambiente. 2. Ecologia. 3. Ensaios. 4. Agricultura.
5. Botânica. 6. Povos tradicionais. 7. Crise ecológica
I. Oliveira, Joana Cabral de. II. Amoroso, Marta.
III. Lima, Ana Gabriela Morim de. IV. Shiratori, Karen.
V. Marras, Stelio. VI. Empeaire, Laure. VII. Título.

2020-3072

CDD 577 CDU 574

Índice para catálogo sistemático:

1. Ecologia 577 2. Ecologia 574

© Ubu Editora, 2020

© IRD, 2020

© textos, os autores, 2020

ILUSTRAÇÃO DA CAPA Elisa Carareto

COORDENAÇÃO EDITORIAL Florencia Ferrari

ASSISTENTES EDITORIAIS Isabela Sanches e Júlia Knaipp

PREPARAÇÃO Mariana Delfini

REVISÃO Cláudia Cantarin, Leonardo Ortiz e Valquíria della Pozza

DIREÇÃO DE ARTE Elaine Ramos

PROJETO GRÁFICO Livia Takemura

PRODUÇÃO GRÁFICA Marina Ambrasas

TRATAMENTO DE IMAGEM Carlos Mesquita

COMERCIAL Luciana Mazolini

ASSISTENTE COMERCIAL Anna Fournier

GESTÃO SITE / CIRCUITO UBU Beatriz Lourenção

CRIAÇÃO DE CONTEÚDO / CIRCUITO UBU Maria Chiaretti

ASSISTENTE DE COMUNICAÇÃO Júlia França

Nesta edição, respeitou-se o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

APOIO



UBU EDITORA

Largo do Arouche 161 sobreloja 2

01219 011 São Paulo SP

(11) 33312275 ubueditora.com.br

professor@ubueditora.com.br

  /ubueditora